

O AGORA ATUAL DA CONSCIÊNCIA COMO PONTO-FONTE DO SER VIVENTE: ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE A PROTOIMPRESSÃO NAS ANÁLISES SOBRE A SÍNTESE PASSIVA DE EDMUND HUSSERL

THE CURRENT NOW OF CONSCIOUSNESS AS SOURCE POINT OF LIVING BEING: CONCEPTUAL ASPECTS ABOUT PRIMAL IMPRESSION IN *THE ANALYSES ON THE PASSIVE SYNTHESIS* OF EDMUND HUSSERL

Isabela Carolina Carneiro de Oliveira¹

Resumo: O objetivo desse artigo é explicar a partir das Husserlianas X e XI a função da protoimpressão na fenomenologia de Edmund Husserl. Observamos que em sua obra inicial sobre a temporalidade fenomenológica, Hua X, intitulada *Lições para uma Fenomenologia da Consciência interna do Tempo (Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins)*, Husserl estabelece que a protoimpressão é a consciência imediata perceptiva da fase atual na experiência, ou seja, é onde se intenciona a fase agora. Contudo, a protoimpressão também é apresentada na Hua XI, *Análises sobre a síntese passiva (Analysen zur passiven Synthesis)* como o “ponto-fonte” [*Quellpunkt*] e ao mesmo tempo uma “protofonte” [*Urquelle*] da experiência. Neste contexto, a protoimpressão inaugura a possibilidade de renovação da vida consciente. Contudo, é necessário destacar a importância fenomenológica tanto da gênese passiva quanto das associações originárias para a fase impressional das vivências.

Palavras-chave: Husserl; Protoimpressão; Modificação; Associação Originária; Gênese Passiva.

Abstract: The objective of this article is to explain from the Husserlians X and XI the function of primal impression in the phenomenology of Edmund Husserl. We note that in his initial work on

¹ Mestre em Filosofia Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação da UFMG. Possui graduação em Filosofia e Pedagogia pela mesma instituição. Atualmente leciona Filosofia e Sociologia na Educação Básica. Como pesquisadora, investiga e possui publicações sobre a consciência-tempo [*Zeitbewusstsein*] de Edmund Husserl, com ênfase nas intencionalidades dirigidas aos objetos temporais e quase-temporais, incluindo em sua análise o fluxo constitutivo do tempo e a especificidade da consciência absoluta. É membro colaborador do Círculo de Estudos Husserlianos (CEH) - UFMA e do grupo de pesquisa Origens da Filosofia Contemporânea - PUC/SP. Além disso, em um de seus mais recentes trabalhos foi revisora do relatório internacional *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking* compilado a pedido do Council of Europe. O referido relatório foi publicado simultaneamente pela editora CLE da Unicamp.

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

phenomenological temporality, Hua X, entitled *Lessons for a Phenomenology of the Internal Consciousness of Time (Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins)*, Husserl establishes that primal impression is the immediate perceptual awareness of the current phase in experience, that is, it is where the phase is now intended. However, primal impression is also presented in Hua XI, *Analyses on passive synthesis (Analysen zur passiven Synthesis)* as the “source point” [*Quellpunkt*] and at the same time a “primal source” [*Urquelle*] of experience. In this context, primal impression inaugurates the possibility of renewing the life of the conscious. However, it is necessary to highlight the phenomenological importance of both passive genesis and original associations for the impressionable phase of experiences.

Keywords: Husserl; Primal Impression; Modification; Original Association; Passive Genesis.

Introdução

Conforme sabemos, a análise descritiva fenomenológica (estática) se inicia pela percepção, devido à “simplicidade” e importância do ato sintético perceptivo para a consciência. Nesse sentido, ressaltamos ainda que a temporalidade compõe a esfera básica da constituição. Porquanto, na análise genética (explicativa) posterior, observa-se que a gênese passiva é fundamental ao processo perceptivo e as sínteses temporais. Assim, o principal objetivo é sempre o de melhorar o ideal de doação daquilo que nos aparece. Além disso, ressaltamos nesse artigo a importância dos campos de sensação e daquilo que é passivamente experienciado no processo originário da consciência no qual as associações originárias se mostram com toda acuidade.²

1. A percepção como ato fundante

A percepção é a consciência originária [*Wahrnehmung ist Originalitätsbewußtsein*] de um objeto individual e temporal (cf. Husserl, 1966b, p. 324). Para cada momento agora temos sua protoimpressão [*Urimpression*] na percepção. Assim, o objeto é originalmente apreendido em seu ponto momentâneo de originalidade. Contudo, o sombreamento [*Abschattung*] necessariamente anda de mãos dadas com a apresentação [*Appräsentation*] perceptiva (cf. Husserl, 1966b, p. 18)³.

² A grosso modo, podemos dizer que a fenomenologia genética [*genetische Phänomenologie*] se propõe explicar: (i) o desenvolvimento genético da passividade; (ii) o envolvimento do ego e as relações entre atividade e passividade; (iii) a sensibilidade secundária e o substrato das habitualidades; (iv) a individualidade e a multiplicidade das mônadas interligadas geneticamente; (v) a compreensão monadológica do mundo; e, (vi) a relação entre a minha passividade e a passividade do outro (cf. Husserl, 1966b, pp. 342-345).

³ De acordo com Thiemo Breyer (2010, p. 19), esse sombreamento [*Abschattung*] se refere aos aspectos não percebidos “atualmente”, mas que estão conscientes e são significados, formando um contexto perceptivo de

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

Ademais, podemos afirmar que na percepção visamos o “ser-agora” [*Jetztsein*] e que na perspectiva dessa percepção estendida visamos também o modo como se constitui o ser duradouro, visto que na recordação o passado está aí dado, pois, “a doação de passado é recordação” (Husserl, [1928] 2017, p. 81). Além disso, desde uma perspectiva genética explicativa, temos em cada momento perceptivo apercepções associadas⁴.

O processo de percepção é um processo de reconhecimento perpétuo. Isso se soma ao fato de que a consciência retencional preserva o que é retido, mas também amplia gradativamente e de modo enriquecedor o significado daquilo que é percebido. Como nos mostra Alice Serra (2009, p. 203):

segundo a teoria da síntese contínua da percepção, as partes ou momentos particularizados pela apreensão não são nem separadamente mantidos na consciência, nem caídos no esquecimento, mas através da retenção, que se estende temporalmente, interligados e conservados.

Durante o processo de um ato perceptivo em curso, o sentido [*Sinn*] está ligado ao próprio objeto, que é apreendido mediante a evidência da presença da coisa visada (cf. Husserl, 1966b, p. 12). Husserl afirma que na análise fenomenológica da percepção, seu caráter sintético deve ser apontado como um de seus fundamentos essenciais. Ela é em si mesma um fluxo de fases, cada uma das quais já é percepção à sua maneira, mas essas fases estão continuamente unidas na unidade dessa síntese, a consciência do um e o mesmo objeto percebido, a protoimpressão originalmente constituída.

Assim, se pressupusermos a estrutura do presente de acordo com a protoimpressão (consciência imediata da fase agora na experiência), retenção (consciência das fases que acabaram de passar) e protensão (consciência das fases que ainda estão por vir ou consciência

realização que pode ser confirmado ou não pelas múltiplas seriações perceptivas ou os momentos da coisa visada intencionalmente.

⁴ Como nos lembra Jacques Derrida ([1990] 2004, p. 113), a apercepção psicológica que “apreende as experiências vividas como estados psíquicos de pessoas empíricas, de sujeitos psicofísicos, e descobre nelas sequências puramente psíquicas ou psicofísicas, que se ligam as leis naturais do devir, das formações e transformações das experiências psíquicas, essa apercepção psicológica é bem diferente da apercepção fenomenológica”. É necessário destacar que a apercepção, segundo Husserl (1966b, p. 337), é um conceito “extraordinariamente amplo”. O que sobre tudo nos interessa é que a apercepção é a vivência intencional na qual temos consciência de algo co-presente que não se mostra por si mesmo, mas que se enlaça com o presente (atualidade) da percepção (cf. Walton, 2015, p. 125). Portanto, “o apercebido nunca pode ser dado como tal, mas apenas nas respectivas percepções atuais” (Held, 1972, p. 19).

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

de futuro), então há despertares que se irradiam no presente e passado retencional, por um lado, e associações que apontam para o futuro, por outro (cf. Husserl, 1966b, p. 158).

Nessa unidade fenomenológica, na qual cada fase pertence à mesma unidade desde uma perspectiva sintética, ocorre aquilo que Husserl nomeou como progressão, e isso devido ao fato de que a protensão de cada fase é cumprida na protoimpressão da fase continuamente adjacente⁵. Visto concretamente, o vivido de percepção nesse referido processo é um preenchimento constante, precisamente uma síntese de adequação e conformidade que assegura uma unidade de unanimidade constante (cf. Husserl, 1966b, p. 66. Ver a nota 1).

2. A importância fenomenológica das protoimpressões e o contínuo retencional

Não se pode abordar os inúmeros significados da protoimpressão como: (i) auto-afecção, (ii) origem da intuitividade e visibilidade, ou como (iii) auto-presença, sem considerarmos sua necessária transformação em retenção. Desde as investigações iniciais de Husserl sobre a temporalidade fenomenológica, observa-se que cada uma das três fases temporais: protoimpressão, retenção e protensão não são independentes na consciência, portanto, na unidade do objeto apreendido essas três fases contribuem para a constituição do ato perceptivo como um todo, assim como, para o entendimento do escoamento dos objetos temporais, ou seja, os fenômenos em decurso. Nesse cenário, temos que “cada modificação é uma modificação constante [...], cada uma destas modificações temporais é um limite não-independente num contínuo” (Husserl, [1928] 2017, p. 152). Como nos mostra Dan Zahavi (2010, p. 321):

há (i) uma ‘protoimpressão’ direcionada estritamente para a fase agora circunscrita do objeto. A protoimpressão nunca aparece isolada e é um componente abstrato que, por si só, não pode nos fornecer uma percepção de um objeto temporal. A protoimpressão é acompanhada por (ii) um aspecto de ‘retenção’ ou retencional, que nos fornece uma consciência da fase apenas decorrida do objeto, proporcionando assim, um contexto temporal dirigido ao passado, e por (iii) uma ‘protensão’ ou aspecto protensional, que de uma forma mais ou menos indefinida pretende que a fase do objeto esteja prestes a ocorrer, proporcionando assim, um contexto temporal orientado para o futuro.

Para compreendermos a percepção e apreensão dos objetos temporais: os fenômenos em decurso; é necessário aclarar que a protoimpressão significa uma impressão originária,

⁵ Husserl aprofunda a temática das protensões de modo mais detalhado nos textos 1 e 2 dos *Manuscritos de Bernau* (*Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein 1917/1918*).

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

“impressão primordial” ou “um momento de originalidade originária” [*Moment ursprünglicher Originalität*] (Husserl, 1966b, p. 12). Ela é um “ponto-fonte” [*Quellpunkt*] e ao mesmo tempo uma “protofonte” [*Urquelle*] ou fonte primordial da experiência (cf. Husserl, 1966b, p. 168).

No entanto, a protoimpressão não se refere a um aspecto ou qualidade de um objeto intencional, deve ser compreendida dentro do contexto argumentativo husserliano como uma descrição da fase agora da consciência, ou seja, como aquilo que Husserl nomeia como consciência impressional. A consciência impressional pretende ser a fase atual de um objeto-tempo. Uma protoimpressão é, por assim dizer, a renovação da própria consciência. Ela é a fonte de intuitividade. Como nos mostra Nicolas de Warren (2009, p. 159):

a experiência real vivida pela consciência perceptual é constituída temporalmente em e através de uma consciência originária do tempo; sua estrutura tríplice de temporalização nasce do eixo de uma protoimpressão em termos da qual a intuitividade da experiência - a ‘força’, ‘vivacidade’ e ‘imediatismo’ da experiência - é originalmente constituída.

Para tanto, é válido destacar que toda protoimpressão é capturada em um estado constante de mudança. Isso significa que na medida em que toda protoimpressão se transforma na sua respectiva retenção; ela necessariamente se torna diferente de si mesma devido ao escoamento temporal, uma vez que “esta consciência está envolvida numa permanente mutação” (Husserl, [1928] 2017, p. 75). Algo complementar deve ser pontuado. Como nos esclarece Rabanaque (1993, p. 17), por um lado, o processo retencional é um processo de síntese identificadora, no qual perpassa a mesmidade [*Selbigkeit*] do sentido objetivo. Por outro lado, ocorre uma perda de diferenças internas.

Husserl ([1928] 2017, p. 75) esclarece que, “cada agora da consciência está sujeito à lei de modificação” e que “a consciência impressional converte-se em uma corrente permanente, numa corrente retencional sempre nova”. Portanto, é impossível pensarmos em uma “consciência retencional” que não seja a continuidade de uma “consciência impressional”. Essa é uma lei fundamental de constituição da consciência originária do tempo, “que toda vivência, para falar em termos elementares, toda protoimpressão que ocorre na fase do agora [*Jetztphase*] em necessidade essencial se modifica retentivamente, isso não menos, e assim continuamente” (Husserl, 1966b, p. 72).

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

Resta-nos dizer, o fato de que as retenções se conectam a protoimpressão constitui uma “lei fundamental da gênese passiva” (Biceaga, 2010, p. 3). É curioso notarmos que Husserl frequentemente faz uso de metáforas para falar desse tipo de modificação da consciência, por exemplo, quando aponta para uma progressiva “névoa”, na medida em que o fenômeno recua através da modificação retencional, ou seja, quando o percebido “afunda” no passado (cf. Husserl, 1966b, p. 156). Destaca-se que este último também é um fenômeno afectivo. Assim, nesse gradual desvanecimento retentivo, “perde-se a vivacidade, até atingir o ponto zero de completa indiferenciação, fruto da ausência de força afectante. O sentido, porém, permanece identicamente o mesmo, apenas oculto, implícito, mas afundado” (Rabanaque, 1993, p. 17. cf. Husserl, 1966b, p. 170).

Warren (2009, p. 129) afirma que o termo “impressão” denota a passividade da consciência, no entanto, com a adição do [*Ur*], lhe é acrescentado, de modo original, um predicado que funde ao conceito husserliano de impressão o significado daquilo que é “criativo”, “produtivo” e “espontâneo”. Portanto, segundo o autor, na protoimpressão se combinam atividade e passividade em uma auto-afecção própria, e adequadamente descrita como medial no sentido do “abrir-se” ou “mostrar-se”. A auto-afecção de uma protoimpressão é um acontecimento da subjetividade em sua abertura para o que é diferente de si mesma. Nesse sentido, uma protoimpressão é a fonte de visibilidade e a força afectiva da experiência vivida (cf. Warren, 2009, p. 171).

Husserl (1966b, p. 153) afirma que “a afecção segue primordialmente o devir constitutivo”. Por essa razão, devemos primeiro distinguir sob o título afecção: (i) a afecção como aquela vivacidade mutável de uma experiência, um dado de consciência, de cujo nível relativo depende se o dado é perceptível em um sentido específico e então possivelmente é realmente percebido e apreendido e (ii) isso sendo perceptível em si. Aqui a afecção tem o significado especial da afecção específica sobre o ego, a saber, aquela que atinge o ego, o chama à ação, por assim dizer, o desperta (cf. Husserl, 1966b, p. 166).

Essa constelação de conceitos deve ser entendida levando em consideração o § 33 das *Análises sobre a síntese passiva* (*Analysen zur passiven Synthesis*). No referido parágrafo temos que a afecção é o despertar [*wecken*] de uma intenção dirigida aos objetos. A introdução do termo despertar já indica que estamos lidando aqui com algo tão intimamente relacionado às associações, que já poderíamos falar de protoassociações [*Urassoziationen*] ou associações originárias, em um sentido mais amplo. Portanto, “se expandirmos o conceito de

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

associação em relação à esfera viva da presença lidamos com protoassociações” (Husserl, 1966b, 158). Devemos nos perguntar a partir disso: quais seriam então as leis de propagação desse despertar intencional? Inicialmente, Husserl aponta para o despertar da afecção proporcionado pela atenção e interesse temático numa paulatina síntese ativa, porém sua análise explicativa fenomenológica não se limita apenas a este tema.

3. Protoimpressão e associação originária na fenomenologia genética de Husserl

Husserl sustenta que as sínteses temporais são passivas e não devem ser confundidas com as sínteses associativas. As associações na fenomenologia genética proposta por Husserl não possuem uma base psicofísica, ao contrário, elas são fundamentais enquanto um direcionamento intencional às retenções, que em certo sentido, “empalidecem” carecendo de intencionalidade objetiva. A partir disso, o ego pode voltar a sua atenção para o passado, seguindo as direções que lhes são apontadas por um despertar afectivo no presente vivente.

No método genético explicativo, temos que, por um lado, as sínteses associativas pressupõem e são fundadas em sínteses temporais. Por outro lado, um relato sobre as sínteses temporais permaneceria incompleto se não explicasse as conexões associativas que surgem no presente vivo [*lebendige Gegenwart*]⁶. Aqui, a protofonte [*Urquelle*] de toda afecção reside e só pode residir na protoimpressão [*Urimpression*] de onde partem as linhas do “despertar afectivo” [*affektiver Weckung*] ou da propagação da afectividade (cf. Husserl, 1966b, p. 168).

No solo da síntese passiva, Husserl interpõe o carácter primordial das protoassociações [*Urassoziationen*] em que “todo despertar originário está vinculado à homogeneidade na propagação, ou seja, na transferência associativa do despertar para novos dados” (Husserl, 1966b, p. 151). Na esfera dos dados hiléticos, a associação originária [*ursprüngliche Assoziation*] ocorre exclusivamente dentro de um campo de sensação, no “reino autocontido de tendências afectivas”, capaz de organizar a unificação dos dados sensíveis por meio da associação (cf. Husserl, 1966b, p. 151).

⁶ Husserl (2006, p. 24) aponta um “presente vivo que flui” [*lebendig-strömenden Gegenwart*]. Exatamente por ser concebido como um momento vivo no fluxo absoluto e primordial da consciência, ele se refere às fases do fluxo e às estruturas da protoimpressão, retenção e protensão, por isso ele se estende para além do agora imediato, em direção às fases que já não estão “vivas” (cf. Brough, 2010, pp. 43-44). Klaus Held (1966, p. 19) acrescenta que o presente vivo pode ser considerado numa perspectiva de percepção do presente fluindo [*strömende Wahrnehmungsgegenwart*]. Husserl (2006) aprofunda esta temática nos *Manuscritos C* (Hua Mat. VIII): C 4, p. 93; C 6, p. 109; C 7, p. 141.

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

É importante neste ponto do artigo entendermos o total afastamento de Husserl das associações originárias que possuem como solo a fantasia conforme foi sugerido na teoria de Brentano⁷. Contudo, Husserl apresenta que as associações são necessárias à consciência originária do tempo [*ursprünglichen Zeitbewußtsein*]. Husserl (1966b, p. 77) afirma que:

é verdade que as retenções, aquelas que originalmente se desenvolveram, estão também sinteticamente ligadas umas às outras e à protoimpressão, mas essa síntese, que pertence à consciência originária do tempo, não é uma síntese de associação; as retenções não surgem por meio de um despertar associativo dirigido para trás a partir da impressão e, portanto, não têm uma direção irradiando dali para o passado vazio. Portanto, foi fenomenologicamente incorreto quando Brentano descreveu a conexão entre retenção e impressão como uma associação originária [*ursprüngliche Assoziation*]. Só se poderia fazer isso se se usasse a palavra associação de maneira bastante externa [*äußerlich*] e sem sentido para qualquer conexão originalmente crescente de representações com representações [*Vorstellungen mit Vorstellungen*] de qualquer tipo. A associação rege apenas na linha protensional da constituição originária do tempo [*Linie der ursprünglichen Zeitkonstitution*] e, como sabemos, a linha retencional contínua [*kontinuierliche*] funciona como um despertar [*retentionale Linie als weckend*]. Assim, nós temos na percepção (e embora, em pura passividade) representações [*Vorstellungen*] que são direcionadas ao longo da linha contínua protensional, intenção e, de fato, expectativas.

4. O campo de sensação

No aspecto essencial da estrutura do campo impressional, para cada campo de sensação [*Sinnesfeld*] existem unidades de seqüências temporais homogêneas, conectadas e relacionadas. Para entender melhor essa relação, podemos retomar o exemplo da audição de uma melodia. Resta-nos responder: como uma melodia se destaca para mim? Enquanto a modificação da sensação na associação originária é, para Brentano, produzida pela imaginação (fantasia), Husserl não concebe uma aparência imaginária do agora. Portanto, é a própria nota musical que me aparece e que ouço, seu conteúdo sensível subjacente não é percebido como tal, mas, em vez disso, vivido [*erlebt*] como o conteúdo “real” [*reell*] da consciência imanente.

Os conteúdos primários que se estendem [*ausbreiten*] no agora não são capazes de trocar [*vertauschen*] sua função temporal [*Zeitfunktion*], o agora não pode estar diante de mim como não-agora, o não-agora não pode estar diante de mim como agora. De fato, se fosse de outra forma, todo o *continuum* de conteúdos poderia ser visto como agora e,

⁷ Uma extensa análise a respeito das diferenças conceituais entre as teorias de Husserl e Brentano pode ser encontrada em: OLIVEIRA, I. C. C. de. Embustes fenomenológicos entre Husserl e Brentano sobre a origem do tempo. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 8–25, 2024. DOI: 10.48075/aoristo.v7i1.32766. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/32766>. Acesso em: 18 fev. 2024.

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

consequentemente, como coexistente e, novamente, como uma sucessão. Isso é evidentemente impossível [*unmöglich*] (Husserl, [1928] 1966a, p. 322).

Na doação imanente, o conteúdo sensível já deve ser pré-dado de maneira temporal. De acordo com Nicolas de Warren (2009, p. 133), “com este vislumbre do reino da ‘pré-doação’ - mais plenamente explorado sob o título de fenomenologia genética - Husserl começa a superar os últimos vestígios de uma concepção de subjetividade que supostamente encontra primeiro o mundo no nível das objetividades constituídas”. Naturalmente, o que afirmamos dessa maneira, quando estamos cientes de que as funcionalidades essenciais das forças afectivas se revelam aqui, é imediatamente transportado para o que há de mais elementar, ou seja, para as continuidades pelas quais a afecção se propagou de um ou mais pontos como afecção efetiva. De acordo com isso, nas análises husserlianas das objetividades imanentes possíveis e, mais precisamente, objetividades hiléticas possíveis, a forma temporal é identificada como uma necessidade essencial, e condição para a possibilidade da unidade de formações hiléticas como necessidades essenciais de preenchimento de conteúdo dessas formas, enquanto a própria formação da unidade, a formação efetiva de dados e grupos individuais hiléticos também depende da afecção (cf. Husserl, 1966b, pp. 152-153).

No entanto, deve-se ter em mente o seguinte: (i) apreendemos unidades que nos foram dadas sem e antes de nossa atenção através da afecção, (ii) a afecção e a associação possuem grande importância neste ponto da análise, e (iii) podemos ver diretamente o despertar e a motivação que o determina na seguinte situação:

uma melodia ressoa, sem exercer qualquer poder de afecção considerável, ou até mesmo, se isso for possível, sem nenhum estímulo afectivo sobre nós. Estamos ocupados com outras coisas, e não é o caso que a melodia nos afete sob o título [*Titel*] ‘perturbação’ [*Störung*]. Agora vem um tom particularmente melodioso, uma frase que desperta particularmente prazer ou desprazer sensorial. Este detalhe não só terá um impacto vivo por si só, mas toda a melodia, na medida em que ainda está viva no campo do presente [*Gegenwartsfeld*], de repente se destaca; a afecção assim irradia de volta para o retencional, inicialmente tem um efeito de elevação uniforme e ao mesmo tempo para o distanciamento especial, para os tons individuais <para dentro de> [*hinein*], estimulando uma afecção especial [*Sonderaffektion*]. A causalidade motivacional [*Die Motivationskausalität*] é completa e imediatamente evidente. A peculiaridade do som me chamou a atenção. E isso trouxe toda a melodia à minha atenção e, compreensivelmente, também deu vida aos detalhes (Husserl, 1966b, p. 155).

Como vimos, a protoimpressão está diretamente relacionada com a percepção na medida em que essa é uma coexistência de apresentações-presente puras e

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

apresentações-presente fluindo de modo articulado e dependente uma das outras ao longo das fases do fluxo da consciência. Nas suas *Análises sobre a síntese passiva*, Husserl (1966b, p. 323) afirma que, “a presença instantânea e pura de cada percepção, uma nova a cada momento, é o que chamamos de protoimpressão. Sua conquista é a criação primordial de um novo ponto no tempo objetivamente preenchido no *Modus Agora* [*im Modus Jetzt*]”. Portanto, na unidade dessa cadeia, temos no contínuo do recém-sido ou daquilo que acabou de acontecer, pertencente a cada momento da percepção, como retenções, fundidas na unidade retencional, a modificação em cada fase do *Kontinuum*. Uma protoimpressão, como podemos dizer aqui novamente, aparece num momento de originalidade primordial.

5. O gradativo aumento de intensidade

Husserl acrescenta que pertence à essência das fases no contínuo iniciado do “ponto-zero” [*Nullpunkt*] de intensidade, que a modificação da consciência deve ser pensada como um aumento de intensidade numa operação. A intensidade é capaz de ocasionar não apenas o aumento pontual, mas um aumento total. Portanto,

com referência a qualquer intensidade previamente dada, cada intensidade posterior da cadeia pode ser vista como um resultado de uma operação. Se b é um aumento de a , então c é um aumento de um aumento em referência a a . Graças à continuidade, cada ponto não é simplesmente um aumento em relação a um ponto precedente, mas sim aumento de aumento de aumento e assim sucessivamente *in infinitum* e infinitesimalmente. Uma infinidade de modificações que se interpenetram. Só que aqui não há nenhum ponto que possa ser visto, ele próprio, como intensidade. O começo é aqui um ponto-zero (Husserl, [1928] 2017, pp. 152-153).

Como aponta Warren, a protoimpressão é o “ponto-zero” de orientação temporal em dois sentidos relacionados: (i) como a proximidade da consciência para si mesma (o agora da consciência é a consciência de agora) e (ii) como a referência absoluta para a constituição temporal dos objetos temporais. Por exemplo, “um relógio não me mostra que é 3:00 agora a menos que minha consciência de ler o relógio como 3:00 coincida com minha consciência de agora ler o relógio” (Warren, 2009, p. 128).

Conforme vimos anteriormente, a produção de novos pontos temporais é a marca do contínuo constitutivo do tempo que é “um fluxo de produção constante de modificações de modificações” (Husserl, [1928] 2017, p. 153). De fato, “a consciência nada é sem impressão” (Husserl, [1928] 2017, p. 153). Por isso, a protoimpressão é o começo absoluto dessa

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

produção (isto é, a temporalização) e a fonte primordial a partir da qual tudo mais é produzido continuamente. No entanto, ela própria não é produzida, uma vez que, segundo Husserl, a protoimpressão nasce de uma *genesis spontanea*, ela é “protocriação”. Por isso, não podemos desconsiderar a peculiaridade fenomenológica dessa espontaneidade da consciência ou protoespontaneidade apresentada por Husserl no qual é esclarecido que essa espontaneidade “não cria nada novo, mas apenas leva o protoproduzido a crescer, a desenvolver-se” (Husserl, [1928] 2017, pp. 153-154). Dito isso, podemos afirmar que a protoimpressão é “a impressão incessante de uma renovação originária, uma repetição da diferença original” (Warren, 2009, p. 128).

Considerações finais

Conforme foi explicitado de modo pontual no presente artigo, a protoimpressão é a fase da consciência que aponta para novos acontecimentos ou modos de aparência dos objetos que, à medida que aparecem, apresentam-se em parte como confirmações, mas também preenchimento. Dessa maneira, conforme vimos anteriormente, aquilo que está aparecendo é enriquecido em si mesmo na medida em que nos desperta e afecta. Além disso, temos que para a vida da consciência as protoimpressões se destacam na unidade temporal de todas as vivências no “momento-agora”. Assim, num primeiro plano da análise fenomenológica proposta por Husserl, temos que a consciência está acessível em todos os momentos da vida e possui a síntese passiva como algo inerente a ela. A síntese passiva é fundamental nesse processo. É válido ressaltar que a dinâmica passiva está em função daquilo que é intrínseco à vida intencional da consciência em sua unidade. Por fim, não nos resta dúvida de que há um enriquecimento da fenomenologia do tempo a partir do momento em que novas explicações genéticas foram apresentadas.

Referências

BICEAGA, Victor. *The Concept of Passivity in Husserl's Phenomenology*. Ed. Nicolas de Warren, Dermot Moran. Contributions to Phenomenology, vol. 60. Canadá: Springer, 2010.

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

BREYER, Thiemo. "Abschattung". In: GANDER, Hans-Helmuth. *Husserl-Lexikon* (Ed.). Darmstadt: WBG, 2010. pp. 18-19.

BROUGH, John B. Notes on the Absolute Time-Constituting Flow of Consciousness. In: *On Time - New Contributions to the Husserlian Phenomenology of Time*. Ed. Dieter Lohmar, Ichiro Yamaguchi. *Phaenomenologica*, vol. 197. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 2010. pp. 21-49.

DERRIDA, Jacques. *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl*. França: Presses Universitaires de France, ([1990] 2004).

HELD, Klaus. *Lebendige Gegenwart*. *Phaenomenologica*, vol. 23. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1966.

_____. Das Problem der Intersubjektivität und die Idee einer phänomenologischen Transzendentalphilosophie. In: *Perspektiven transzendentalphänomenologischer Forschung*. Ed. Klaus Held e Ulrich Claesges. *Phaenomenologica*, vol. 49. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1972. pp. 3-60.

HUSSERL, Edmund. *Analysen zur passiven Synthesis. Aus Vorlesungs und Forschungsmanuskripten, 1918-1926*. Ed. Margot Fleischer. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1966b.

_____. *Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein (1917/1918)*. Ed. Rudolf Bernet, Dieter Lohmar. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001.

_____. *Lições para uma Fenomenologia da Consciência interna do Tempo*. Trad. Pedro M. S Alves. Rev. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, ([1928] 2017).

_____. *Späte Texte über Zeitkonstitution (1929-1934). Die C-Manuskripte*. Ed. Dieter Lohmar. New York: Springer, 2006.

_____. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*. Ed. Rudolf Boehm. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1928] 1966a).

OLIVEIRA, I. C. C. de. Embustes fenomenológicos entre Husserl e Brentano sobre a origem do tempo. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 8–25, 2024. DOI: 10.48075/aoristo.v7i1.32766. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/32766>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

RABANAQUE, Luis Román. Campo de trasfondo y dato Hyletico. *Agora*, Santiago de Compostela, vol. 12, n.º. 2, pp. 7-21, 1993. Disponível em: < pg_009-024_agora12-2.pdf (usc.es)>. Acesso em: 08/10/2021.

SERRA, Alice Mara. Do sentido da lembrança em Edmund Husserl. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n.º. 50, pp. 197-213, 2009. Disponível em: <SciELO - Brasil>. Acesso em: 08/01/2024.

ISABELA CAROLINA CARNEIRO DE OLIVEIRA

WALTON, Roberto. *Intencionalidad y Horizonticidad*. Bogotá: Editorial Aula de Humanidades, 2015.

WARREN, Nicolas de. *Husserl and the Promise of Time: Subjectivity in Transcendental Phenomenology*. New York: Cambridge University Press, 2009.

ZAHAVI, Dan. Inner (Time-)Consciousness. In: *On Time - New Contributions to the Husserlian Phenomenology of Time*. Ed. Dieter Lohmar, Ichiro Yamaguchi. *Phaenomenologica*, vol. 197. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 2010. pp. 319-339.

Data de submissão: 19/02/2024

Data de aprovação: 13/07/2024